



ESTADÃO NO AR

ECONOMIA & NEGÓCIOS

900-0700

DÓLAR, OUTROS INDICADORES E NOTÍCIAS
ATUALIZADAS, 8 VEZES POR DIA. 4 BOLETINS AOS SÁBADOS
E UM AOS DOMINGOS E FERIADOS. LIGAÇÃO: CRI\$ 40

“Âncora polonesa” pode evitar recessão

A proposta em estudo na Fazenda sugere taxa de câmbio prefixada por tempo determinado, vinculando-se a ela preços e salários

BEATRIZ ABREU

BRASÍLIA — A equipe econômica estuda a possibilidade de estabilizar a economia adotando uma âncora cambial, à semelhança do que foi feito na Polônia, porque os técnicos avaliam que se trata de um instrumento que, se adotado, não provocaria uma nova recessão no País. “Pode-se fazer uma âncora para não ter uma recessão forte”, disse um assessor que participa das discussões. A “âncora polonesa” consistiria na prefixação da taxa de câmbio por prazo determinado, à qual se poderiam vincular preços e salários.

As alternativas técnicas para combater a inflação estão relacionadas a diversos cenários traçados pela equipe do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e já foram discutidas com técnicos do Fundo Monetário Internacional (FMI), em julho. O governo quer um novo acordo stand by com o FMI e negociará, a partir de setembro, as condições para executar um programa econômico que assegure as condições necessárias à desindexação da economia.

O FMI não contesta a hipótese de se



usar âncoras para estabilizar a economia. “A idéia é fazer uma carta de intenção que deixe explícita a orientação do governo”, disse um técnico, lembrando que as metas do acordo com o Fundo representarão, na prática, “o caminho para a estabilização”.

A opção de usar uma âncora cambial, adaptando o modelo polonês, agrada porque a “âncora à polonesa não representa nenhum choque e pode até ser discutida previamente com a sociedade”, disse um interlocutor da equipe. Segundo ele, o modelo polonês — que prevê a divulgação prévia do percentual de correção da taxa de câmbio —, se adotado no País, traria outra vantagem: os investidores começam a trabalhar com um horizonte concreto, sem sobressaltos. E uma atitude assim, argumentam os assessores, é benéfica ao País porque quebra as expectativas do mercado, uma das fortes pressões sobre a inflação atualmente.

O ministro da Fazenda, entretanto, não confirma os estudos e proíbe os técnicos e assessores a prestar qualquer informação sobre as alternativas de combate à inflação. “Só o ministro expressa a política econômica e ele reafirma que não mandou estudar âncoras, congelamentos ou prefixações”, diz a nota oficial do Ministério da Fazenda, divulgada ontem (ver texto ao lado). O ministro confirma, porém, que o governo adotará providências para o “aprofundamento das medidas” previstas no Plano FHC.

A equipe econômica está trabalhando em tempo integral nas novas medidas para responder ao desafio principal de Cardoso: baixar a inflação. Os assessores desmentem a adoção de choques, prefixação ou congelamento como alternativas para a estabilização.

Os técnicos apostam que o programa do ministro da Fazenda será “inédito” e, por isso, não se caracterizará como um choque. A premissa de toda a discussão, neste momento, é saber exatamente qual o percentual de inflação que se considera “convivível”, como já disse o ministro Cardoso.



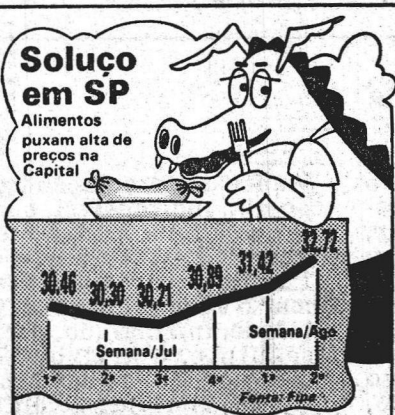
José Varella/AE

Informações suspensas

Ministro Cardoso não quer que técnicos e assessores falem sobre alternativas de combate à inflação em estudo

Solução em SP

Alimentos puxam alta de preços na Capital



Vida mais cara

Pode passar de 33% a inflação do mês; nos 30 dias até dia 15 já chegou a 32,7%, segundo a Fipe.

■ Mais informações na página 4

■ Mais informações na página 4